

Gínia Maria Gomes  
(Org.)

# **MOBILIDADE E RESISTÊNCIA**

NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA



Editora Polifonia

Porto Alegre, 2020

Todos os direitos desta edição reservados à organizadora.

## **CONSELHO EDITORIAL DA COLEÇÃO POLIFONIA ACADÊMICA**

Antônio Marcos Vieira Sanseverino (UFRGS), Débora Luciene Porto Boenavides (PUCRS), Dionathas Moreno Boenavides (UFRGS), Gínia Maria Gomes (UFRGS), Marcelo Spalding (Metamorfose), Marlise Sozio Vitcel (IFSul), Priscila Monteiro (Universidade de Coimbra), Tomaz Fantin de Souza (IFSul), William Moreno Boenavides (IFSC).

### **Edição e diagramação**

Débora Luciene Porto

### **Revisão**

William Moreno Boenavides e Débora Luciene Porto

---

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

M111 Mobilidade e resistência na literatura brasileira contemporânea / organizado por Gínia Maria Gomes - Porto Alegre: Polifonia, 2020.

256p. ; 14X21cm. - ISBN: 978-65-87420-01-1

1. Literatura Brasileira - História 2. Crítica Literária  
I. Gínia Maria Gomes, org.

CDD B869.09

---

Bibliotecária Alexandra Naymayer Corso - CRB10/1099

A Editora Polifonia ([www.editorapolifonia.com.br](http://www.editorapolifonia.com.br)), empresa contratada para edição e diagramação do livro, não se responsabiliza civil ou criminalmente pelo conteúdo e pelas opiniões expressas nos artigos.

# VOZES DO EXÍLIO:

## APONTAMENTOS SOBRE *HANÓI*, DE ADRIANA LISBOA

Gínia Maria Gomes<sup>1</sup>  
(UFRGS)

### PREÂMBULO

Adriana Lisboa é uma escritora já consagrada no cenário das letras nacionais. Seus romances *Os fios da memória* (1999), *Sinfonia em Branco* (2001), *Um beijo de Colombina* (2003), *Rakushisha* (2007), *Azul-corvo* (2010) e *Hanói* (2013) já apontam para a consistência de sua obra. Ela também é contista: entre os livros desse gênero publicados estão *Caligrafias* (2004) e *O sucesso* (2016). Além disso, a escritora se dedica a livros infantojuvenis, tendo lançado vários títulos: *Língua de trapo* (2005), *O coração às vezes para de bater* (2007), *A sereia e o caçador de borboletas* (2009) e *Um rei sem majestade* (2018). Ela ainda é tradutora, entre outros estão *O morro dos ventos uivantes*, de Émily Brontë, *Uma voz vinda de outro lugar*, de Maurice Blanchot, e, mais recentemente, *Existo, existo, existo*, de Maggie O'Farrell. Cabe referir que a escritora ganhou alguns

---

1 **Gínia Maria Gomes** é professora Titular de Literatura Brasileira no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Realizou doutorado em Letras pelo PPG-Letras da UFRGS e estágio pós-doutoral pela Paris III – Sorbonne Nouvelle (2009 e 2019-2020). Organizou os seguintes livros: *Euclides da Cunha: literatura e história* (2005), *Narrativas contemporâneas: recortes críticos de Literatura Brasileira* (2012), *Literatura Brasileira Contemporânea: geografias* (2013), *Século XXI: perspectivas para a Literatura Brasileira* (2015), *Migração e exílio: trânsitos no romance brasileiro contemporâneo* (2016), *(Des) contextos da narrativa brasileira contemporânea* (2017) e *Alteridades em trânsito: estética e representação na narrativa brasileira do século XXI* (2018).

E-mail: giniagomes@gmail.com

prêmios literários e foi finalista de outros<sup>2</sup>. É importante ressaltar que os romances de Lisboa têm sido publicados em vários países.

Esse ensaio terá *Hanoi* como objeto de análise. Nele, dois jovens, David e Alex, centralizam a narrativa. O encontro fortuito que acontece entre eles dá uma nova dimensão às respectivas vidas. É um mero acaso que reúne o trompetista e a caixa do mercado asiático, o que aconteceu quando David, fugindo à rotina, resolve fazer suas compras no estabelecimento, onde, até então, não havia entrado. Ele, um músico que acabara de receber a notícia de que seus dias estavam contados; ela, uma jovem estudante universitária, caixa do mercado vietnamita, que tinha um filho pequeno, fruto de um relacionamento com um homem casado.

Ambos eram filhos de imigrantes, os dois tendo nascido nos Estados Unidos descendem daqueles que fizeram o deslocamento em busca de melhores condições de vida. Seus familiares vivem um exílio desconfortável na terra das oportunidades. Uma insatisfação que permeia a vida de todos eles e uma saudade da terra de origem que não é jamais amenizada.

Este ensaio terá, inicialmente como foco David: a sua relação com a doença e, principalmente, a tentativa de dar uma melhor qualidade aos dias que lhe restam, no sentido de torná-los mais significativos. Depois se tratará do exílio dos respectivos familiares que deixaram o país natal para nunca mais retornarem. Em relação ao jovem, filho de imigrantes que vivem ilegalmente nos Estados Unidos, as reflexões convergirão para o pai, para a sua relação com a região onde nasceu. No que concerne à jovem, a análise se centrará na mãe e na avó, ambas oriundas do Vietnã, porém elas vivem legalmente no país. Também é do Vietnã, Trung, amigo da família. Todas essas personagens que realizaram a movência deixam extravasar sentimentos que permitem inferir os percalços da condição exílica.

---

2 Adriana Lisboa recebeu o Prêmio José Saramago (Portugal), por *Sinfonia em branco* (2003); o Prêmio Moinho Santista (Brasil), pelo conjunto dos romances (2005); o prêmio de autor revelação da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) por *Língua de trapo* (2006). Foi finalista do Prêmio Jabuti com os romances *Um beijo de colombina* (2004) e *Rakushisha* (2008).

## “E VAMOS DEIXAR O DRAMA DE FORA”

O romance abre com o diagnóstico da doença terminal de David, diagnóstico esse dado pelo oncologista, que ainda o informa sobre os poucos meses de vida que lhe restam. A notícia é dramática, não resta dúvida. Porém, apesar disso, a personagem não a dramatiza. Ao contrário, desde o início do romance, ela procura ter uma posição racional diante do fato, seja ao traçar planos; seja ao procurar fugir de condicionantes que pudessem levá-la ao desespero e à depressão; seja ao não dar vazão a diálogos que desencadeassem um estado emocional mórbido. Em entrevista, Adriana Lisboa (2013b, s.p.) afirma que “evitar o drama” foi a sua proposta: “De todo modo, não foi trivial tratar o tema de “Hanói”, buscando evitar o drama e as reflexões açucaradas tão comuns em torno de um personagem jovem que descobre que tem pouco tempo de vida”.

Certamente um dos recursos para evitar essa dramatização é o narrador em terceira pessoa. Embora próximo da personagem e, por isso, mostrando sua interioridade, seus pensamentos de esperança e sua luta interna para não sucumbir, ele, ao mesmo tempo, não está identificado com ela, o que, por si só, inviabiliza o desdobrar para os processos internos, os quais poderiam redundar no ciclo vicioso do sofrimento existencial. Dessa forma, apesar de acompanhar a personagem, o recurso da terceira pessoa não permite extrapolar esses limites. Isso não significa minimizar a posição assumida por David, que não se permite dramatizar a sua situação. Tanto é assim que, ao sair do consultório médico, ele olha o entorno e percebe a mesma normalidade de sempre: “Só o que fez foi procurar um café ali perto, surpreso com o modo como tudo continuava idêntico. O céu não tinha ficado cor de abóbora nem o chão tremia nem godzillas pisoteavam os carros” (LISBOA, 2013a, p. 11). Essa percepção do contexto é sintomática dos seus próprios sentimentos, da sua reação diante de uma “morte anunciada”<sup>3</sup>. De

---

3 A expressão a que se recorreu traz imediatamente à memória o romance *Crônica da morte anunciada*, de Gabriel García Márquez.

acordo com a sua percepção, tudo continuava igual, ou seja, “passava ao largo do drama” (LISBOA, 2013a, p. 11).

Sua posição de distanciar-se do dramático mantém-se mesmo naqueles momentos em que sucumbe à esperança de que o diagnóstico esteja errado. Em algumas circunstâncias ocorre-lhe a história de uma pessoa que, ao ser notificada de que era portadora de doença terminal, pediu demissão do emprego, vendeu os seus bens e, com a importância arrecadada, fez uma festa de “dimensões épicas” (LISBOA, 2013a, p. 9). Posteriormente, esse diagnóstico revelou-se errôneo. Ao sair do consultório, essa história logo acorre a David. Expectativa de um erro médico? Provavelmente. Entretanto, ele não sucumbe a ela, considerando-a “plausível, mas não provável” (LISBOA, 2013a, p. 22), posto estar consciente de que a doença já se manifestara, estando os seus sintomas presentes, o que não lhe permitia dúvidas em relação ao seu estado.

Para David, o caminho da dramatização não é aquele que ele deseja trilhar. Ao contrário, ele põe em primeiro plano a necessidade de não se desesperar e nem se deprimir. Ou seja, “Estava determinado a não se comportar como doente clássico, aquele que se faz as mais ridículas perguntas – mas por que logo eu? mas por que justo agora? etc.” (LISBOA, 2013a, p. 69). O seu intuito é o de fugir de atitudes extremas, de imprecisões contra a situação em que se encontra e da letargia que os movimentos depressivos acarretam. Mesmo diante da avassaladora precariedade física imposta pela doença, ele, ainda assim, procura dar um sentido ao tempo que lhe resta. Sabedor das suas várias fases, a última delas sendo a aceitação, ele questiona-se: “por que não começar por ela, e evitar todo transtorno das outras quatro?” (LISBOA, 2013a, p. 124).

David está plenamente consciente da doença, e a aceitação da mesma parece ser um aspecto decisivo da qualidade que imprime aos meses que lhe restam. Isso também se faz notar no seu “plano de ação”, que “se apresentou já pronto e organizado e simples, naquele instante, num miolo de tarde, no meio da Rua” (LISBOA, 2013a, p. 22). É interessante que esse plano se mostra enquanto ele

está ouvindo um jovem ao piano. Até pensa que poderia juntar-se a ele e, com o trompete, fazerem um duo. Nada é dito ao leitor sobre os itens que compõem esse plano. Porém, as suas ações pouco a pouco o vão desvelando. A ideia é racionalizar seu tempo de vida, desfazer-se dos elos com o mundo e organizar sua morte.

A primeira providência é solicitar demissão do trabalho – aqui ele segue de perto a história da pessoa cujo diagnóstico estava errado. Aspecto importante, ao fazê-lo, ele não revela o motivo de seu ato aos antigos colegas – e nem a Teresa, vizinha com quem ele mantinha uma relação amigável. Essa atitude certamente contribui para que ele se preserve da dramatização. Apesar de seu plano de ação já estar pronto, ele não está fechado, pois alguns aspectos vão se desenhando no improviso. Tanto é assim que, no apartamento, ao olhar para os peixes de seu aquário, “decidiu que seriam os primeiros de sua lista” (LISBOA, 2013a, p. 53). O aquário foi doado a Nico, menino que tinha fascínio pelos peixes, que inúmeras vezes ia ao seu apartamento para contemplá-los. Tal ação racional mostra o quanto está encarando de frente essa circunstância de extrema precariedade, o que inibe o desespero e a depressão, e com isso impede a irrupção do dramático.

O outro item do plano que logo se apresenta é a ida à agência bancária, de onde retira metade de seu dinheiro, aproveitando para se informar sobre os trâmites para o fechamento de sua conta. Nesse momento, ele põe em foco a racionalidade de sua posição: “Tinha escolhido o caminho da praticidade. E vamos deixar o drama de fora. Tudo vai dar certo. É um bom plano. Honesto, realista, sensato” (LISBOA, 2013a, p. 71).

Talvez o aspecto mais contundente de seu plano seja em relação a sua morte. E aí destaca-se o seu desejo de morrer sozinho. Desejo esse que é repetido ao longo do romance. Possivelmente esse item tenha sido um dos primeiros a receberem formulação, espelhado no procedimento dos elefantes ao sentirem a proximidade da morte. No consultório, o médico lhe dá a notícia fatídica movendo entre as mãos um “pequeno elefante de pedra verde” (LISBOA, 2013a, p. 9). O movimento do oncologista dá a impressão de que o objeto da

consulta é o animal. Logo se impõe a lembrança de uma revista que lera “muitos anos antes” (LISBOA, 2013a, p. 10), segundo a qual os elefantes ao pressentirem a morte se afastam da manada com vistas a morrerem sozinhos. No entanto, ele não consegue afastar-se para morrer, pois a doença o enfraquece sobremaneira, tanto que perde a mobilidade e fica cego.

Quando do diagnóstico, David está absolutamente sozinho: os pais estão mortos e dos outros familiares (tios e primos) ele está distante; não tem amigos nem namorada (Lisa, com quem permanecera por algum tempo, havia abandonado-o ao perceber que ele não se enquadrava no perfil de homem de sucesso que ela buscava). Mesmo assim não sucumbe ao dramático. A doença o mobiliza ao outro, à construção de relações mais qualitativas, o que inexistia antes. É sobretudo com Alex que isso se faz notar. Eles começam a se relacionar, e ele logo se muda para o seu apartamento. É com ela que passa os seus últimos dias. E é ela que está ao seu lado no momento derradeiro.

#### “A TERRA DO TIO SAM ERA UMA TERRA DE POSSIBILIDADES”

David é filho de pai brasileiro e de mãe mexicana. Imigrantes ilegais no país, viveram de trabalhos circunstanciais. À época em que se passa a trama, os dois já estavam mortos. Da mãe, pouco se sabe, talvez pelo fato de ela ter ido embora quando David ainda era criança. Sobre o pai, ao contrário, as informações são em maior número, principalmente aquelas referentes às suas motivações para deixar o Brasil, todavia, outros aspectos, embora esporádicos, também sejam objeto de comentários.

Luiz, o pai, é oriundo de Capitão Andrade, cidade mineira da região de Governador Valadares. O principal estímulo para o deslocamento realizado por ele foi econômico. No entanto, ele não estava sozinho nessa empreitada. Ele seguiu um fluxo que se iniciou nos anos de 1960, quando inúmeras pessoas foram seduzidas pelos dólares recebidos dos americanos que coordenavam “os trabalhos de extração de mica” (LISBOA, 2013a, p. 102). A partir de então iniciou-se um movimento muito grande de emigração. Todos os



que saíam sonhavam retornar com dinheiro com vistas a abrir um negócio, pois “A terra do tio Sam era uma terra de possibilidades” (LISBOA, 2013, p. 102). Esses migrantes se instalaram em diversas cidades e assumiram funções em “salões de beleza, lanchonetes e lavanderias” (LISBOA, 2013a, p. 102). “Décadas passadas estavam por ali na construção civil, tomando conta de crianças, fazendo faxina, entregas em domicílio” (LISBOA, 2013a, p. 102). Esse movimento coletivo está em consonância com os estudos de Denise Rollemberg (1999, p. 43), segundo a qual a migração, cujo motor é o econômico, não é uma escolha individual: “Seria melhor dizer que o migrante não opta individualmente pela partida e sim é levado socialmente a escolher essa opção”. A falta de perspectiva no lugar de origem constringe aqueles que se encontram em situações precárias a realizarem a movência.

O caso de Luiz foi um pouco mais complicado porque, não tendo conseguido visto de turista, ele entra no país de forma clandestina, pelo México e com a ajuda de coiotos, o que instaura a irregularidade de sua condição desde os primórdios. Da mesma forma, ele tinha como meta o retorno, mas, temeroso de ser impedido de entrar novamente no país da acolhida, não se arrisca a visitar a cidade de origem. Os sonhos que o mobilizaram são abandonados: “E aquela ideia inicial de voltar e abrir um negócio ficou sendo só isso, uma ideia inicial” (LISBOA, 2013a, p. 103). Rever a pátria é o sonho de quem se aventura em terras estrangeiras: “Se bem-sucedido, ele tem orgulho de exibir sua ascensão econômica aos conterrâneos. Se não for o caso, sonhará eternamente com o dia de rever o país, embora por poucos dias” (ROLLEMBERG, 1999, p. 44). Luiz está entre os que não realizam o sonho do retorno.

Embora não se tenha muitas referências sobre seus sentimentos em relação a sua condição de migrante, há alguns poucos indícios que permitem aventar para a possibilidade de que o lugar natal se manteve de alguma forma presentificado em seu cotidiano. Nesse sentido, pode-se referir sua insistência em falar português, bem como algumas referências esparsas a aspectos que concernem à brasilidade.

Com certeza o principal dado que mostra a permanência de laços com o Brasil é a recusa do pai de se comunicar em inglês, “insist[indo] em falar português dentro de casa” (LISBOA, 2013a, p. 40), o que permitiu ao filho ter razoável proficiência nessa língua. Apesar de o narrador em terceira pessoa afirmar que ele “não tinha feito isso por princípios” (LISBOA, 2013a, p. 40), mas devido a sua dificuldade de “aprender o inglês” (LISBOA, 2013a, p. 40) com vistas a comunicar-se confortavelmente, há que se considerar que o “centro de consciência”<sup>4</sup> é David e que, portanto, é sua própria interpretação sobre as razões do pai. Desse modo, é possível examinar a questão sob outra perspectiva: ver essa insistência como uma forma de preservar a memória do país distante. Maria José de Queiroz (1998, p. 57), ao referir-se sobre a importância da língua, afirma que ela, no exílio, “converte-se na metáfora da pátria”. E ainda acrescenta: “Só quem se vê privado de seu uso, na intimidade do dia-a-dia, sabe estimar-lhe a falta” (QUEIROZ, 1998, p. 57). Ao fazer considerações sobre o exílio de Ovídio, mostra o quanto ele prezava falar o latim ou o grego, e quando encontrava alguém com quem se comunicar em uma dessas línguas “convida-o e recebe-o com honras de hóspede” (QUEIROZ, 1998, p. 72). Como eram circunstâncias raras, para não emudecer a língua materna, ele falava sozinho, renovando os sons pátrios e “recupera[ndo] as ‘palavras de que perdera o uso’” (QUEIROZ, 1998, p. 73). Essas observações de Queiroz permitem inferir que, no caso de Luiz, não foi apenas

*verificar*

---

4 O termo é de Henry James, que, insatisfeito com narrativas em que a voz do autor estava em primeiro plano, encontrou uma forma de narrar, deslocando essa voz para os “centros de consciência”. É Wayne Booth (1980, p. 41) quem estuda a questão: “O inimigo persistente era, para ele, a preguiça artística e intelectual e não qualquer modo particular de contar ou mostrar uma história. É verdade que veio a mostrar-se cada vez mais interessado na exploração do que se poderia fazer com a ‘arte cênica’ e cada vez menos satisfeito com a narração na sua própria voz. E James estava convencido de que tinha encontrado um meio de desempenhar as tarefas retóricas tradicionais por modo essencialmente dramático, empregando um ‘centro de consciência,’ através do qual tudo se visse e sentisse”.

a dificuldade com a pronúncia do inglês o responsável pela opção pelo português como “língua oficial da família” (LISBOA, 2013a, p. 40). “Metáfora da pátria”, esse recurso minimiza a saudade da terra natal. Mesmo que a personagem do pai não tenha voz, e o filho não tenha sido capaz de uma compreensão do que implicava essa insistência em manter a língua materna, é possível ler sua atitude a partir da perspectiva apontada por Queiroz.

Assim como a língua, que Luiz tornou oficial dentro de casa, supõe-se que ele tenha preservado outros aspectos de seu país. Depreende-se isso dos fragmentos de lembranças que emergem em alguns momentos específicos. É significativo ser Cartola, músico brasileiro, o primeiro a ser referido. Mesmo considerando que David seja músico, não se pode minimizar o fato de ser ele a inaugurar o expressivo número de músicos mencionados. Mais significativo ainda é esse nome surgir associado a Luiz. Observe-se: “O trompete como se cantasse. O trompete como se cantasse na língua de Cartola, que era também a língua de um brasileiro anônimo saído da cidade de Capitão Andrade e migrado para o mundo das possibilidades dos Estados Unidos da América no fim dos anos setenta [...]” (LISBOA, 2013a, p. 40). É interessante que Cartola é lembrado em paralelismo com a língua. Ora, isso confirma que o fato de ele ser brasileiro é fundamental.

Apesar de não serem muitos os aspectos relacionados ao local do nascimento presentes no romance, eles não são menos importantes. Além dos já referidos, ainda aparecem algumas reminiscências que afloram em circunstâncias específicas, mobilizadas pela memória involuntária. Talvez o melhor exemplo seja a lembrança do alimento caro aos brasileiros: arroz e feijão. Ao comprar arroz e pensar sobre a sua importância para determinados povos, logo lhe ocorre que na “terra de seu pai, ele sabia que não havia almoço nem jantar sem arroz, mesmo nunca tendo estado lá. E o feijão por cima” (LISBOA, 2013a, p. 83).

Considerando que o pai à época da trama já havia morrido, esses poucos dados assumem uma grande relevância, permitem a

compreensão sobre o quanto reencenar aspectos culturais da região natal fora fundamental para a sobrevivência desse pai na terra estrangeira. Nesse sentido, esses fatos são sintomáticos da experiência exílica da personagem, que, no país da acolhida, procura conservar a cultura de seu país. Embora apenas alguns resquícios dessa cultura sejam rememorados pelo filho, esses rastros são importantes, pois ensejam a percepção do sentimento de exilância vivido pela personagem.

### **“MAS TANTAS ERAM AS COISAS QUE NÃO FAZIAM SENTIDO NA AMÉRICA”**

Huong e Linh deixaram o Vietnã devastado pela guerra em busca de sobrevivência. Há indícios de que elas, como tantos outros vietnamitas, tenham permanecido em campos de refugiados. Muitos dos que estavam nesses campos imigraram para os Estados Unidos, o que era feito através de agências que providenciavam esses deslocamentos e inseriam essas pessoas no mercado de trabalho, arranjando-lhes empregos.

Huong e Linh entraram legalmente no país e se naturalizaram americanas. Para isso se submeteram a “prova de inglês e de conhecimentos gerais” (LISBOA, 2013a, p. 75), situação que lhes habilitava ao concurso “a um cargo político” (LISBOA, 2013a, p. 75), conforme as palavras irônicas da funcionária que lhes aplicou a prova. A aprendizagem da nova língua foi uma das condições obrigatórias para a naturalização. O narrador é explícito ao se referir a Huong, que, “semianalfabeta em sua própria língua” (LISBOA, 2013a, p. 73), se viu na contingência de aprender a do país para onde se mudou: “Aquele era um caso clássico de decifra-me ou te devoro” (LISBOA, 2013a, p. 73).

O emprego de manicure foi o primeiro de Huong em seu novo país. Nessa atividade “não havia palavras” (LISBOA, 2013a, p. 73), pois enquanto a manicure se concentrava nas mãos, “A cliente mantinha os olhos fixos numa revista” (LISBOA, 2013a, p. 73). O não pertencimento da personagem ao seu “novo mundo” fica evidente

na falta de interação com a cliente com a qual palavras não eram pronunciadas. “Era como se ela e o seu novo mundo só se tocassem com as pontas dos dedos” (LISBOA, 2013a, p. 73). Essa imagem é muito interessante, porque ela traduz a precariedade de sua condição no país estrangeiro, que ela apenas tangencia. Ela igualmente pode estar associada a total fluidez das relações afetivas que se estabelecem nas relações de trabalho, denunciada pelo silêncio tão mais eloquente porque não arrefece ao toque dos dedos.

Não se sabe em quantos lugares Huong trabalhou, entretanto, um outro emprego é objeto dos comentários do narrador. Este é em uma casa de família, onde, ao fazer a limpeza, ela constata as diferenças e manifesta a incompreensão diante do que vê. Ao lavar a caneca do café, ela atenta para as palavras nela impressas: “AS PESSOAS BEM-SUCEDIDAS TRANSFORMAM EM HÁBITO AQUILO QUE NÃO GOSTAM DE FAZER” (LISBOA, 2013a, p. 74). Para a recém-chegada vietnamita, “A frase não fazia muito sentido” (LISBOA, 2013a, p. 74). Sua incompreensão mostra que ela não consegue captar aspectos inerentes à cultura norte-americana, em que o sucesso tem um papel preponderante. Isso se evidencia nas fotografias com “pessoas sorridentes em situações variadas de sucesso” (LISBOA, 2013a, p. 74). Embora naturalizada americana, ela não pertence a esse mundo, que lhe é alheio, por isso o significado de determinadas coisas lhe escapa, o que está expresso com contundência: “Mas tantas eram as coisas que não faziam sentido na América” (LISBOA, 2013a, p. 74). “Mesmo quando aprendiam palavras do novo idioma e decifravam os costumes esquisitos do novo país” (LISBOA, 2013a, p. 46).

Seu não pertencimento está posto, seja na incompreensão das palavras, cujo significado lhe escapa, seja na falta de sentido que assumem muitas coisas, sem dúvida por não conseguir apreender aquilo que representam. Uma das circunstâncias em que esse distanciamento se evidencia ocorre ao observar uma pintura de Jesus Cristo. Ela sabe seu nome e também sabe ser o “profeta da religião *deles*” (LISBOA, 2013a, p. 74, grifo meu). O “deles” deixa explícita

a separação, o não pertencimento. Ou seja, fica nítido que essa não é a sua religião. No exemplo também se destaca a visão errônea de Jesus, que, para ela, é apenas um “profeta”, não captando a posição central que essa figura tem para o cristianismo. Dessa forma, constata-se que, apesar de naturalizada, Huong não assimila os valores americanos e sequer os compreende. Seus valores estão no Vietnã, na terra que deixou há algumas décadas com então 17 anos. Em diálogo com a filha, ela expressa sua saudade da terra distante:

“Ela sentia saudades? Do Vietnã?  
“Nós nascemos lá. Huong disse claro que sinto saudades.  
“E ela enxugava os olhos.  
“Mas – Alex disse.  
“(A memória misturava o passado. Coisas boas, coisas ruins.)  
“Nunca foi fácil, disse Huong. Nem lá, nem aqui.  
[...]  
“Se pudesse você voltava? Alex lhe perguntou.  
“A coisa para a qual eu gostaria de voltar não está mais lá.” (LISBOA, 2013a, p. 80)

Do diálogo se destacam dois aspectos interessantes: a saudade do lugar de origem, que é verbalizada, não tendo arrefecido apesar das várias décadas de distância; e a consciência da impossibilidade do retorno, pois o lugar que deixou está transformado, “não está mais lá”. A arguta compreensão de Huong aponta de forma genérica que as coisas que a atraíam já não existem, selando a impraticabilidade do retorno.

Isso é tão mais contundente ao lembrar-se de que, na infância, ela foi vítima de mixofobia por parte dos colegas da escola. Tendo pai americano, ela era chamada de americana pelos colegas: “As crianças da escola diziam a Huong vá para casa, americana!” (LISBOA, 2013a, p. 79). Ser “americana” provoca os sentimentos mixofóbicos dos colegas. De acordo com Zygmunt Bauman (2004, p. 139), esses são “estimulados e alimentados por uma sensação de insegurança esmagadora”. Não é ela propriamente o objeto primeiro dessa aversão, porém o que ela representa, sendo filha de um “soldado inimigo” (LISBOA, 2013a, p. 73). Sua identidade vietnamita é apagada pelos colegas, que põem em evidência sua identidade americana a qual, devido às circunstâncias da guerra, recebe

uma aceção negativa, exclusora. Na escola, é-lhe impossível afirmar-se como vietnamita e, como tal, integrar-se. Nessa iminência, permanecer naquele espaço tornou-se inviável, pois nem os professores eram aliados, porque não inibiam os alunos dessa constante exclusão, reiterada por palavras que não deixavam dúvidas quanto ao seu não lugar naquela comunidade. Apesar de ela não verbalizar os sentimentos que a atitude dos colegas lhe provocava, o fato de abandonar a escola é muito significativo. Sua decisão decorre do seu desgosto e da dificuldade de permanecer em ambiente hostil, que se mostra um “território inimigo” (LISBOA, 2013a, p. 19). A expressão “fora do lugar” (SAID, 2004), parece apropriada para revelar a condição da personagem. Em seu livro de memórias, Edward Said (2004) reflete sobre a circunstância de sentir-se “fora do lugar” que o acompanhou ao longo da vida, sobretudo nas escolas onde estudou. Ressalta que esse sentimento nunca se modificou: “O fato de viver em New York com a sensação do provisório apesar de 37 anos de residência aqui salienta mais a desorientação do que as vantagens que auferi” (SAID, 2004, p. 328). Nada se sabe de Huong, apenas que o seu desconforto a levou a abandonar a escola e ir para o campo ajudar a mãe na colheita e assim contribuir para melhorar os ganhos insuficientes.

A saudade também atormenta Linh. Para ela, esta se concentra em Hanói, cidade onde nasceu. Os 60 anos que a distanciam dessa urbe não são suficientes para que o seu amor por ela arrefeça. Ao contrário, esses anos de afastamento contribuem para que ela crie uma imagem idealizada, e, como tal, cristalizada em sua memória, imune a quaisquer tentativas de fazê-la divisar imagens outras, mais condizentes com a atualidade. Linh tem oportunidade de falar sobre Hanói quando David, já em um relacionamento com Alex, manifesta o desejo de viajar para lá. Nas conversas com ele, ela expressa seu amor pela cidade, uma cidade que, de acordo com o narrador, ela não conhece: “Linh amava Hanói, ainda que não soubesse o que era Hanói” (LISBOA, 2013a, p. 181). Tendo nascido em uma urbe ocupada pelos japoneses e ainda criança se mudado

para o sul, mesmo assim, é em Hanói que se encontram suas raízes, é para ela que convergem suas fantasias. Por isso seu entusiasmo ao falar nela para David.

Ao contar histórias para o bisneto, o Vietnã é o palco em que “dragões descendo dos céus” atuam como salvadores do povo contra o inimigo invasor – lembre-se que ela nasce e vive em Hanói sob a ocupação japonesa. Na conclusão da história os dragões decidem ali permanecer por reconhecerem a beleza do lugar: “o lugar mais bonito do mundo” (LISBOA, 2013a, p. 182). Linh logo repete as mesmas palavras, a história sendo a ressonância da memória de um passado remoto, que não se apagou, mesmo passadas mais de seis décadas.

A saudade da pátria indubitavelmente é amenizada pela possibilidade de falarem vietnamita entre elas e também com Trung, outro refugiado, com quem as duas construíram laços de amizade sólidos. Falar na língua materna, que representa a “metáfora da pátria”, conforme as observações de Queiroz, é de extrema importância para aqueles que deixaram a terra de origem. Quando os três se reuniam, a língua oficial era o vietnamita, mesmo na presença do marido de Huong, que era americano. Eram momentos em que, além de falarem a língua, reencenavam costumes, como o de sentarem “de cócoras no chão” (LISBOA, 2013a, p. 76). “O pai de Alex saía de cena quando as coisas ficavam por demais vietnamitas entre Huong, Linh e Trung [...]” (LISBOA, 2013a, p. 76).

A língua é ensinada a Alex, primeira descendente nascida na América. No entanto, embora a tenha aprendido em casa, é com esforço que se comunica em vietnamita com as mulheres da família. Isso acontece ao falar com a mãe: “[...] Houng contou a Alex num dos telefonemas em que a filha se esforçava para falar a língua da mãe, que já não podia chamar de sua há muito [...]” (LISBOA, 2013a, p. 18). No trecho fica explícito que é a “língua da mãe” e não mais a “sua”. O vietnamita era a língua em que se comunicavam nos encontros familiares.

Outro aspecto igualmente importante na tentativa de minorar a distância da pátria é o alimento. No romance, em algumas ocasiões,



mãe e avó se dedicam à feitura de comidas vietnamitas. De acordo com Luce Giard (2006, p. 259), responsável pela segunda parte de *L'invention du quotidien*, o alimento é muito importante para os que foram obrigados ao exílio: “aquilo que subsiste por muito tempo como referência à cultura de origem concerne à nutrição, senão como alimento cotidiano, ao menos nos tempos de festa, uma maneira de inscrever o exílio ao antigo regime de terror”<sup>5</sup>. Como as duas personagens apenas se manifestam em situações esporádicas, a referência aos alimentos “transforma-se em verdadeiro discurso do passado, e a narrativa nostálgica do país, da região, da cidade ou da vila onde se nasceu”<sup>6</sup> (GIARD, 2006, p. 259). Um dos alimentos preparados é um pudim, cujo nome é *chà báp*, preparado por Huong. Alex faz David prová-lo e dizer-lhe o gosto: ele detecta uma mistura de milho, coco e baunilha. Essa mistura, que seria inusitada para os ocidentais, é representativa dos gostos do local natal dessas mulheres, sendo a cocção desses alimentos uma forma de estabelecer elos com esse passado remoto.

Em outra ocasião nenhum alimento é nomeado, apenas é referido que nas visitas a Trung as duas mulheres “preparavam comida. Uma quantidade enorme de comida vietnamita” (LISBOA, 2013a, p. 191). É de se supor que esses exilados se compraziam com alimentos da região de origem. É interessante que estes marcam os encontros entre os três, uma espécie de celebração, uma vez que elas, na ocasião, moravam em outra cidade. As palavras de Giard (2006, p. 265) explicitam essa questão: “Sabores da felicidade perdida, doces sabores do tempo passado”<sup>7</sup>.

---

5 Tradução nossa do original: “*ce qui subsiste le plus longtemps comme référence à la culture d'origine concerne la nourriture, sinon pour les repas quotidiens, du moins pour le temps de fêtes, manière d'inscrire dans le retrait du soi l'appartenance à l'ancien terroir.*”

6 Tradução nossa do original: “*La nourriture devient alors un véritable discours du passé et le récit nostalgique du pays, de la région, de la ville ou du village où l'on est né.*”

7 Tradução nossa do original: “*Saveurs des bonheurs perdus, douces saveurs du temps passé.*”

Essas constantes reencenações dos “sabores dos tempos passados” estão transparentes na argumentação de Alex em sua tentativa de demover David de viajar sozinho para Hanói: “Pelo menos sua mãe e sua avó vinham de lá, e por conta disso não eram poucas as suas referências mesmo que fizesse décadas que as duas tivessem ido embora e certamente tudo estivesse bem diferente na memória que ainda guardavam” (LISBOA, 2013a, p. 177). Percebe-se no seu argumento a herança cultural que mãe e avó lhe transmitiram, da qual está consciente.

O estranhamento quanto aos “costumes esquisitos no novo país” (LISBOA, 2013a, p. 46) e a constante presentificação dos “sabores” da terra distante têm como contrapartida o não pertencimento, o estar “fora do lugar” (SAID, 2004). A condição dessas mulheres não escapa ao olhar perscrutador de Alex, que nelas flagra o desamparo: “Quanto a Huong e Linh [...] suas pequenas almas também não pareciam estar ali, presentes, quando os seus pés pisavam as calçadas das novas cidades pelas quais passavam” (LISBOA, 2013a, p. 46).

E logo completa: “Suas almas não estavam grudadas no corpo, pensava Alex. Pairavam em algum lugar, como se fossem pipas que elas empinavam e que flutuavam lá no alto, onde havia mais ar puro e menos todas as outras coisas” (LISBOA, 2013a, p. 46-47). A neta compreende a estraneidade que as avassala, não lhes permitindo fixar-se, integrar-se. Nesse sentido, a imagem das “pipas [...] flutuando lá no alto” é significativa. Julia Kristeva (1994, p. 15), ao refletir sobre os percalços do estrangeiro, ressalta a problemática do não pertencimento daquele que foi obrigado a se deslocar: “O espaço do estrangeiro é um trem em marcha, um avião em pleno ar, a própria transição que exclui a parada”. Observe-se a confluência das imagens “pipas que [...] flutuavam lá no alto” e “avião em pleno ar”, a que Lisboa e Kristeva recorrem. Ambas apontam para a total falta de raízes seja das duas mulheres do romance, seja dos estrangeiros do ensaio crítico.

## “TRUNG NÃO FALAVA SOBRE ESSAS COISAS”

Trung é outro sobrevivente da guerra do Vietnã. Monge budista, ele vivia em um mosteiro antes da eclosão do conflito. Foi uma época difícil para seus praticantes, especialmente sob a presidência de um líder católico, ocasião em que ocorreu repressão ao budismo, quando os templos foram destruídos. Ora, isso também gerou manifestações. A representação máxima desses protestos está na figura do monge Thích Quảng Đức, que ateou fogo em si mesmo (LISBOA, 2013a, p. 92). Trung é igualmente atingido por essa destruição: “[...] e ainda por cima tinha vivido num templo antes que tudo – o país, o templo, sua vida – fosse destruído” (LISBOA, 2013a, p. 49). Nada é dito sobre as agruras da guerra, porém seus efeitos drásticos, ousa-se dizer, traumáticos, estão inclusos nesse “tudo” que é “destruído” nesse período de confrontos bélicos. Atente-se, no entanto, que entre a devastação material “sua vida” merece destaque. Essas palavras permitem compreender o quanto esse conflito o despedaçou interiormente, tanto é assim que não há mais referências ao período, certamente por serem situações in-submissas à palavra, tal a carga traumática de que são portadoras.

Embora de forma esparsa, aparecem fatos de sua trajetória no pós-guerra. É através de Alex, “centro de consciência” dessa personagem, que se toma conhecimento de alguns dados de sua vida pregressa, que são registrados sem maiores especificidades, pois “Trung não falava sobre essas coisas” (LISBOA, 2013a, p. 37). Aqui, cabe assinalar sua passagem pelos campos de reeducação e pelos campos de refugiados. Embora sejam muito poucas as informações, é dito que ele permaneceu dois anos em um campo de reeducação para onde, “com o fim da guerra, foi mandado” (LISBOA, 2013a, p. 46). Em outro momento, o seu quase silenciamento sobre esses campos é repetido quando Alex reporta-se sobre a vida do ex-monge para David: “Contou do campo de reeducação onde ele ficou dois anos, e que ele quase nunca falava sobre isso” (LISBOA, 2013a, p. 145). Dele, a única informação que é veiculada é o fato de ter “trabalhado

na busca de minas terrestres” (LISBOA, 2013a, p. 37). Menos ainda se sabe de sua passagem pelo campo de refugiados. Apenas que foram alguns meses na Malásia e que o deslocamento para este país foi de barco. O pequeno número de informações sobre esses campos aponta para a experiência traumática da sua estada neles. Bauman (2005, p. 46) reporta-se aos que são enquadrados na categoria de refugiados, que “têm negado o direito à presença física dentro de um território sob lei soberana, exceto em ‘não-lugares’ especialmente planejados, denominados campos para refugiados ou pessoas em busca de asilo [...]”. Sentir-se sem lugar, desterritorializado, por si só, já é determinante para o silêncio da personagem em relação a esse espaço. No entanto, possivelmente, outras coisas também tenham contribuído para Trung não desejar falar sobre esse tempo.

Do campo de refugiados ele vai para os Estados Unidos, onde entra legalmente, o que a frase “com alguns selos oficiais [...]” (LISBOA, 2013a, p. 14) mostra. Nada se sabe sobre as motivações da escolha do país, mas provavelmente ele também tenha sido seduzido pelo potencial de oportunidades dos Estados Unidos. A expressão “a terra prometida” (LISBOA, 2013a, p. 145) não deixa dúvidas quanto ao que o moveu para esse lugar. Apesar de não haver outros comentários sobre essa questão, a expressão é muito significativa.

Na nova terra, o estranhamento diante da alteridade logo o impacta. Isso está manifesto em relação ao clima: “Lá fora se aproximava um inverno que Trung nunca teria imaginado. Por mais que se cobrisse com camadas e mais camadas de roupas ao sair à rua, nunca parecia suficiente” (LISBOA, 2013a, p. 146). Nada é comentado sobre os outros estranhamentos, que certamente foram muitos. Contudo, afigura-se que a referência ao impacto do inverno seja a metáfora de todos os outros que, embora não sejam verbalizados, faziam parte do seu cotidiano. Não estando integrado ao lugar, a memória do passado se impunha. Observe-se o exemplo:

A alma de Trung tinha ficado em algum lugar lá atrás, entre florestas vivas e florestas calcinadas e memórias confusas, ou então no meio do oceano e de barcos circundados de cadáveres que iam se perdendo no escuro

da noite como boias disformes, ou em meio a estranhos cujo olhar nunca deixaria de ser fundamentalmente estranho. (LISBOA, 2013a, p. 45)

Seu não pertencimento está explícito no trecho, que deixa transparente o fato de sua “alma” não estar no lugar onde seu corpo se encontra. As referências ao passado, ao lugar de origem, aparecem nas “florestas”, sobretudo nas “calcinadas”, numa clara referência à guerra, às suas consequências. Depois, a travessia, a menção aos mortos que sucumbiram no “meio do oceano”, antes de aportarem. Por fim, o país estrangeiro, em que se destaca a nota do estranhamento, que se mantém não obstante os muitos anos de nele residir.

A experiência exílica poderia ter sido minimizada se ele tivesse escolhido viver em um dos mosteiros budistas, “que já tinham se espalhado no país” (LISBOA, 2013a, p. 146). Nele poderia ter feito uma ponte com o passado, restabelecido elos e recuperado similaridades, já que vivera em um mosteiro no Vietnã. Contudo, ele tem consciência que esses elos não podem mais ser restaurados: “Ele sabia que certas coisas eram irrecuperáveis. Feito os dentes de leite da infância” (LISBOA, 2013a, p. 146).

Trung é amigo de Huong e Linh. Nada é dito sobre quando se conheceram, mas possivelmente depois de acabada a guerra. Há um breve trecho que aponta para essa circunstância, entretanto ele está obscuro, não traz especificações, apenas uma referência metafórica aos percalços que lhes sobrevieram: “Os três eram irmãos que a guerra havia reunido dentro de um buraco, um fosso. Lá em cima havia luz e ar puro, mas não era para eles” (LISBOA, 2013a, p. 45). Sem maiores delimitações, o trecho mostra uma situação de sufoco e falta de perspectiva, por isso pode-se fazer sua leitura como uma metáfora representativa das agruras pelas quais os três passaram e, de forma específica, da sua condição exílica.

A guerra que devastou o país, sua passagem pelos campos de reeducação e de refugiados o mobilizaram a deixar a terra natal. Apesar disso, no país da acolhida, não fica imune aos influxos das origens e o “mercado asiático”, do qual é proprietário, parece

uma ressonância do lugar que ele havia deixado há mais de trinta anos. David, ao entrar no local, nele percebe uma identidade: “Mas David notou, pela primeira vez, que o mercado asiático tinha um cheiro próprio – uma mistura de tempero e sabão – e uma aparência própria, menos asséptica, menos iluminada e com menos cara de espetáculo. Gostou disso” (LISBOA, 2013a, p. 49). Os cheiros e o ambiente são objeto de comentários no exemplo. Ao olhar de David não escapam as diferenças em relação àqueles que está acostumado a frequentar. Na continuidade, percebe “dois funcionários falando uma língua que não entendia. [...] Viu bilhetinhos presos atrás do único caixa escritos numa língua que ele não entendia” (LISBOA, 2013a, p. 50). Falar a língua do país de origem é muito importante para aqueles que vivem em terra estrangeira, como já se comentou anteriormente. Ela é a “metáfora da pátria” e, por isso mesmo, uma forma de presentificá-la. Ao falar em vietnamita, ele estabelece elos com um passado distante e, por essa razão, minimiza a dor da movência, a qual, de acordo com os estudos de Said (2003, p. 46), é “uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e o seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser curada”.

A amizade com Huong e Linh, além da possibilidade de falarem a língua materna, lhe oportuniza a degustação de comidas da terra e a atualização de costumes. Trung cria com as duas mulheres uma amizade muito sólida. Bauman (2004, p. 46) reflete sobre essas relações fundadas na “afinidade”, as quais são baseadas em uma escolha, que necessita ser “reafirmada diariamente”. O pesquisador ainda reforça: “Estabelecer um vínculo de afinidade proclama a intenção de tornar esse vínculo semelhante ao parentesco [...]” (BAUMAN, 2004, p. 46). Pode-se ver essa amizade construída entre os três na perspectiva discutida pelo sociólogo. Tanto é assim que Alex pensa que o parentesco entre a mãe e o dono do mercado asiático deveria ter-se efetivado através do casamento (LISBOA, 2013a, p. 48). Talvez a circunstância que melhor demonstre esses vínculos seja a solidariedade delas (e também de Alex) na ocasião em que ele

é hospitalizado. Elas se deslocam da cidadezinha onde residem para apoiá-lo nesse transe. Hospedam-se na sua casa, onde cozinham comidas vietnamitas, em uma espécie de festejo por sua saída do hospital. Ao decidir fechar o mercado, ele vai morar com elas no mesmo local (LISBOA, 2013a, p. 216).

Convém ainda mencionar a religiosidade de Trung, que reza diante da estatueta de Quan Âm, “aquela que ouve os sons do mundo” (LISBOA, 2013a, p. 30). Nos finais de tarde, ele prostra-se diante da deusa. Sua devoção parece ser compreendida por Alex, porque, quando ele é hospitalizado, ela, tendo assumido a função de gerente do mercado, “achava que isso incluía dar alguma atenção a Quan Âm, antes de fechar as portas do mercado, no fim da tarde” (LISBOA, 2013a, p. 169). Não é a devoção que a move, mas o respeito ao significado que esse ato religioso tem para o outro. Ou seja, a devoção de Trung, herança dos seus tempos de monge budista, permanece, não como era antes da guerra, porém como um culto reinventado em terras estrangeiras, porque “certas coisas são irrecuperáveis”.

Ao exílio estão associadas perdas, mutilações, como lembra Said (2003, p. 49), às quais é inerente o sofrimento que essa condição acarreta. Por essa razão, o estabelecimento de vínculos com o passado é uma tentativa de minimizar essa dor. É o que faz Trung no “mercado asiático”: cria um espaço de pertencimento no qual a língua é a trazida das terras longínquas. Outro aspecto importante é a relação afetiva que ele constrói com as duas mulheres, porque com elas lhe é oportunizado reencenar ritos. Além disso, não menos importante são os vínculos religiosos, reinventados nas orações diárias a Quan Âm, uma figura do panteão vietnamita.

## UMA NOTA FINAL

O tema do desenraizamento é central em *Hanói*. Em entrevista a Luciano Trigo, Adriana Lisboa (2013b, s.p.) revela que o seu interesse pelos refugiados surgiu no contato com eles em Denver. Nessa ocasião, percebeu as especificidades dessas pessoas, que eram diferentes de outros imigrantes. Relata a escritora: “interessei-me pela história

dos filhos de mulheres vietnamitas com soldados americanos durante a guerra, crianças que não tinham lugar em lugar nenhum do mundo e no Vietnã eram conhecidas como “*bui doi*”, o “pó da vida”. Mais tarde muitos se mudaram para os Estados Unidos, mas não tinham qualificações nem falavam a língua” (LISBOA, 2013b, s.p.). Tendo por base esse núcleo, Lisboa constrói essas personagens vietnamitas que se encontram “fora do lugar”.

É Alex quem percebe o seu núcleo familiar com muita acuidade. Lembrando-se de Trung e das duas mulheres, ela pensa não ser possível dimensionar “o grau de tolerância de cada um” (LISBOA, 2013a, p. 17) e logo ocorre-lhe o conceito de resiliência. Todavia, ao examinar o significado desse conceito – “capacidade de um corpo de recobrar sua forma original após choques e deformações” (LISBOA, 2013a, p. 17) – ela questiona se de fato isso aconteceu: “Será que os corpos, aqueles corpos, tinham recobrado a sua forma original?” (LISBOA, 2013a, p. 17). Essas personagens permanecem desenraizadas nos Estados Unidos, onde moram, e não podem voltar para o Vietnã, de onde partiram. Alex talvez tenha razão, elas não são sequer resilientes, sendo-lhes impossível recuperar a forma original.

Uma outra condição é a de Luiz, que se enquadra no perfil dos imigrantes comuns. No entanto, a ilegalidade de sua condição constituiu-se em óbice para o seu retorno, sonho que não se concretizou. Ele também pode ser visto na perspectiva do desenraizamento, na medida em que morando no país estrangeiro volta-se para as coisas brasílicas, sendo a adoção da língua pátria o principal índice de seu não pertencimento. a  
\*

Luiz e as outras personagens vivenciam a mais completa estraneidade que ultrapassa essa condição de viver no estrangeiro. Uma estraneidade que as faz “Estrangeiros para [si] mesmas”, numa aberta apropriação do título do livro de Kristeva (1994). Reportando-se a Linh, vê-la como “expatriada” (LISBOA, 2013a, p. 181) expõe uma situação ainda mais contundente, porque sob as vicissitudes constitutivas de sua vida, nenhum lugar pode lhe conferir pertencimento, nem mesmo Hanói, que só existe em sua memória fantasiosa.



Examinar esses exilados permite dar visibilidade ao “mal da ausência” do qual todos eles sofrem. Não obstante as décadas vivendo no país estrangeiro, o desenraizamento persiste, o que lhes acarreta o desconforto inerente ao não pertencimento e ao estar “fora do lugar”. Esses aspectos permitem mostrar a condição exílica dessas vozes que percorrem as páginas de *Hanói*.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BOOTH, Wayne. *A retórica da ficção*. Tradução de Maria Teresa H. Guerreiro. Lisboa: Arcádia, 1980.
- GIARD, Luce. Faire-la-cuisine. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *L'invention du quotidien: 2. Habiter, cuisiner*. Paris: Gallimard, 1994. p. 213-313. 2006
- KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LISBOA, Adriana. *Hanói*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013a.
- LISBOA, Adriana. Em “Hanói”, Adriana Lisboa retrata personagens fora do lugar. Entrevista a Luciano Trigo. *Globo*, Rio de Janeiro, 02 de jun. de 2013b. Disponível em: [gl.globo.com/platb/maquina de escrever/2013/06/02/1522/](http://gl.globo.com/platb/maquina-de-escrever/2013/06/02/1522/). Acesso em: 07 de jun. de 2019.
- QUEIROZ, Maria José de. *Os males da ausência ou a literatura do exílio*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.
- ROLLEMBERG, Denise. *Exílio: entre raízes e radares*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maria Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 46-60.
- SAID, Edward. *Fora do lugar: memórias*. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.